

TD-JÉJÀ VUI



DONNEFAR SKEDAR

TO É JÁ VUI

1° Edição

Elemental Editoração

Copyright Donnefar Skedar © 2016



Ficha do Livro

Déjà Vu – Donnefar Skedar
Criação e Edição: Elemental Editoração
Capa: Elemental Editoração

1 – Déjà Vu, 2 – Donnefar Skedar, 3 – Primeira Edição.
1 – Ficção, 2 – Suspense, 3 – Romance, 4 – Literatura
Brasileira.

*Todos os direitos desta obra se reservam somente ao autor,
qualquer forma de reprodução não autorizada por expresso pelo autor,
será considerada crime conforme previsto na lei dos direitos autorais.*

Nota

Está é uma produção independente, não foi usado nenhum serviço profissional na escrita revisão e editoração do mesmo. Pedimos a gentileza de compreender a necessidade de ambas as partes, visto que o mundo dos livros é bem difícil para um escritor independente. Tenha a decência de não julgar o autor e sua obra pelos erros ou falta de qualificação em sua obra. Prezamos pela leitura, por isso pedimos a compreensão de que o leitor em vez de julgar a obra, ajude o autor a melhorar cada vez mais. Fazemos tudo de forma independente, uma vez que nosso país não está nem um pouco perto de ser exemplo para os escritores independentes. Deixamos nosso e-mail para qualquer dúvida ou sugestão visando a melhoria de nossos títulos e também o suporte aos escritores que estão entrando neste mundo “gratuito” dá, auto publicação, entre em contato conosco pelo e-mail elementaleditoracao@gmail.com ficaremos felizes em receber e responder seu e-mail.

Elemental Editoração

Início

As chamas iluminavam toda a rua, o barulho lembrava uma fogueira feita de troncos de árvores nova, as faíscas que subiam alto para cair como cinzas, lembrava uma chuva que não molhava. Ela olhava tudo com total admiração. Não se importava com a queimadura do fogo em seu corpo ou o calor forte que começou a sentir em seu rosto. O prazer maior de ver aquele fogo consumindo tudo a deixou, imóvel e hipnotizada.

Seu casaco feito de tricô parecia grudar junto a camisa de algodão que vestia por baixo, a calça jeans já parecia fazer parte da pele, o tênis parecia derreter enquanto a mesma estava lá, parada, intacta como se o fogo a ordenasse tal façanha. Uma voz grossa e ignorante a chamou, mas tudo parecia irreal, ela não sentia que a voz distante falava com ela. Quando novamente a voz lhe chamou, um homem bem maior que ela segurou em seu braço e a puxou para seu corpo. O movimento violento a fez acordar de um sonho real, o calor do fogo doeu pela primeira vez em minutos que a mesma olhava para ele.

— Você está louca? Temos que sair daqui antes que exploda.
— disse o homem enquanto apertava a cabeça dela em seu peito para cobrir o rosto do intenso calor.

— Eu... Só queria...

— Não seja tola, vamos embora, o carro está logo ali.

Ele apontou para o carro que reluzia o fogo atrás deles, a porta do carro já estava aberta e o motor ligado, mas o barulho do fogo impedia qualquer identificação de outros barulhos. Ela entrou e se

Donnefar Skedar

sentou no banco de trás enquanto ele fechava a porta com violência. Ela não estremeceu e continuou olhando para o fogo que foi ficando para trás assim que o automóvel começou a ganhar velocidade. Depois de alguns segundos quando somente o clarão entre as árvores a fazia lembrar— se do fogo, ela desmaiou apagando qualquer sentimento que sentira pelo forte calor.

Ele olhou pelo retrovisor e ficou feliz ao ver que ela conseguiu, pelo menos, se deitar no banco antes de desmaiar, naquele momento ele só precisava tirá-los dali antes que os bombeiros chegassem ou alguém os visse correndo daquele jeito. Quando contornou a rua para finalmente se ver livre do local, ele olhou mais uma vez para chamas a ponto de ver um corpo em chamas se mover para cair alguns centímetros a frente. Ele suspirou aliviado por ter tudo terminado. Olhando para o outro lado da cidade, as luzes acesas e alguns fogos de artifícios sendo lançados ao céu mostrava que o início do novo ano ia ser complicado para todos naquela cidade.

Primeira Parte

O sol já estava iluminando boa parte das casas quando todos esperavam fora na varanda até que a última mala fosse colocada no carro.

— Tem certeza que vocês não querem vir com a gente queridos? — perguntou a mãe acariciando o rosto da filha.

— Não mamãe. Agradeço por levarem Júlia e o Mario, mas eu e Saulo temos que arrumar tudo por aqui.

— Oh, Angélica você deveria pegar férias, está com a cara pálida querida, você tem se alimentado direito?

— Por favor, mãe, vocês vão perde o voo. — disse Angélica indo para os braços de seu marido que a beijou na testa.

— Senhora Marta, fique despreocupada, não trabalharemos nos dois dias seguintes... — falou Saulo sorrindo para as duas que o olhava com carinho. — Trabalharemos em um novo neto o que acham?

— Oh, Saulo... — reprimiu Angélica corando na frente dos pais.

— Bem será ótimo, essas crianças já estão grandes demais para nossas histórias.

Todos sorriram e se cumprimentaram antes de entrarem no carro e partirem deixando a visão de Angélica e Saulo se impedidas pelo sol que ganhava força a cada segundo. Saulo apertou a cintura de Angélica sobre seu corpo e sorrindo perguntou a ela o que gostaria de fazer nas primeiras horas do último dia do ano. Ela sorriu dando

Donnefar Skedar

um tapa no peito dele e o puxando para dentro de casa a fim de fazerem amor como não tinha feito nos últimos dez meses.

Saulo e Angélica não foram a breve viagem de réveillon com seus dois filhos e os pais de Angélica a cidade de Ponta Del Leste, por Saulo ter que trabalhar nas primeiras horas do dia dois de janeiro e Angélica preferir ficar ao lado do marido no novo negocia da família.

E ainda tinha a nova residência conseguida em menos de seis meses após Saulo se demitir do antigo trabalho e conseguir finalmente ser o proprietário da sua empresa de transportes.

Ele agora era o chefe de cerca de 20 funcionários e como planejado há anos, tudo corria muito bem. Angélica por sua vez sempre esteve ao lado do marido, principalmente quando se mudaram para aquela cidade desconhecida pelos dois, mas que tinha uma ótima oportunidade para o início da carreira de Saulo. Ele passara anos estudando e planejando como construiria sua empresa, e logo descobriu aquela pequena cidade, mas rica em transportes comerciais.

No início houve a rejeição básica de ter que parti e abandonar tudo e todos que conheciam. Angélica tinha suas amigas e seus afazeres de sempre, as crianças já estavam habituadas a rotina diária de escola e amigos, tanto Júlia quanto Mario, nasceram na mesma cidade e tinha uma vida naquela cidade.

Levou cerca de dois meses para Saulo mostrar e provar a sua esposa que aquela era a melhor opção para o momento. E que ele também sofreria com a mudança, mas que em algum ano após tudo se iniciar, eles teriam a oportunidade e a disponibilidade de ir e vir a qualquer lugar. Depois de muitos slides e promessas de uma vida melhor e a verdadeira jura de amor, Angélica aceitou se mudar para

Déjà Vu

um lugar nunca visto e trabalhou com Saulo a forma de fazer as crianças, já grandes o suficiente para entender, que seria o melhor a todos.

Júlia quis morrer ao ouvir a palavra mudança e ainda mais de cidade e estado. Ela tinha agora seus quinze anos de idade e estava apenas no início da boa adolescência, onde as descobertas e revoltas eram o auge em seu psicológico. Ela tentou argumentar com tudo o que lhe veio à mente e até fez seus pais rirem quando se jogou ao chão da sala dizendo que aquele era o fim de sua curta vida. Somente quando Angélica perguntou suavemente se Júlia já estava namorando que a garota se calou e não disse mais nada.

— Ótimo você não tem motivo que nos faça pensar em não te levar conosco. — finalizou Angélica beijando o rosto vermelho de raiva passageira que Júlia fingia sentir. No fundo ela sabia que ainda não tinha se apaixonado por ninguém e quem sabe na nova cidade poderia achar alguém no novo colégio, se é que existia um novo colégio.

Para Mario, foi indiferente, embora ele fosse apenas um ano mais novo que Júlia, ele era totalmente o oposto da irmã, ele sempre fora calado demais e sempre pacífico as palavras dos pais. Todos achavam que poderia ser algo psicológico, mas os próprios psicólogos acharam Mario, normal demais para a própria idade e sugeriram que Angélica deixasse apenas o garoto viver da forma que melhor lhe fosse possível.

Angélica em certa noite, poucas semanas antes da mudança, enquanto pensava em tudo o que tinha passado na pequena casa em uma cidade movimentada, chegou a se sentir feliz por Saulo realmente cumprir o que havia prometido assim que eles se mudaram para aquela casa. Ele jurou que em menos de vinte anos,

Donnefar Skedar

eles estariam em uma casa duas vezes maior e mesmo que não estivessem ricos, que teriam o suficiente para sobreviver sossegados e sem se preocuparem com a educação das crianças.

Olhando para a foto dos dois em uma porta retrato na estante da sala, ela sorriu e ficou imaginando como seria um novo começo em um novo mundo.

O relógio marcava nove e meia da manhã quando Angélica levantou-se da cama e deixou Saulo pelado de bruços na cama, ela olhou para o celular vibrando enquanto se enrolava no lençol para ir ao banheiro, ela não atendeu, esperou aparecer a mensagem da caixa postal e então ouviu a ligação.

Nada foi dito, apenas um som de respiração que durou cerca de trinta segundos. Ela apagou a mensagem e deixou o celular em cima da pia do banheiro, em sua mente, provavelmente era sua mãe querendo avisar que já estavam no avião ou, pelo menos, embarcando.

Enquanto estava sentada ao vaso esperando a banheira ficar pronta para seu banho, ela sorria ao imaginar que teria sua primeira virada de ano junto a Saulo, o que não acontecia desde o nascimento de Júlia. Ela agradecia em pensamento por seus pais finalmente irem viajar para um lugar diferente e querer a família por perto.

De início foi difícil para eles entenderem que Saulo ainda estava começando seus negócios com transportes e que era essencial eles permanecer sem férias por um longo tempo até ter um bom reconhecimento de sua empresa.

O celular começou a vibrar e Angélica olhou no visor, era o número de sua mãe, ela atendeu já imaginando alguma reclamação das crianças sobre o voo.

— Oi mãe. — ela falou sorridente.

Déjà Vu

— Angélica querida, já estamos no avião, minha nossa como isso é medonho filha. — disse ela com a voz desesperada.

— Mantenha a calma mamãe, logo estará em terra firme. — consolou Angélica imaginando o rosto da mãe.

— Espero que seja antes do anoitecer minha filha.

— Mãe ainda nem é hora do almoço. — Angélica sorriu ao imaginar a demora de uma viagem a ônibus. — E as crianças estão se comportando?

— Sim eles continuam um anjo, Mario não larga o livro que ganhou do avô e Júlia não para de tagarela com seu pai sobre o que vão fazer ao chegarem lá...

— Aí que bom, mamãe, tenho certeza que vão se divertir, e mais uma vez, obrigada por levar as crianças para passarem o fim de ano longe desta cidade. — Angélica sentiu uma pontada de inveja, mas afastou o pensamento ao se lembrar de que ligação de avião custaria uma pequena fortuna a conta do celular.

— Imagina como seria bom a vocês dois virem conosco, mas entendo a colocação do meu genro e respeito a decisão de vocês.

— Bom, mãe, a senhora e o papai tem sido ótimo nas decisões de Saulo, e graças a deus, tudo está saindo muito bem nos planos dele, mas agora é melhor desligar, a conta vira alta e a senhora tem que me ligar quando chegarem...

— Oh, meu Deus é verdade, me esqueci de que essa porcaria cobra a mais por estar no ar. — resmungou Marta sorrindo. — Bem minha querida, não esquece que o peru está na geladeira e é só aquecer ao forno, e seu pai deixou garrafas de vinho na parte de baixo do armário, logo que descer desde troço eu entro em contato...

— Obrigada mamãe, aproveite a viagem, e de beijos em todos, amo vocês, tchau.

Donnefar Skedar

— Tchau querida.

Ao colocar o celular de volta na pia do banheiro Angélica deixou o lençol cair enquanto entrava na água quente da banheira. Um som forte veio de fora do quarto e ela imaginou que seria Saulo batendo novamente na cômoda que o mesmo prometera levar para o quarto debaixo até que o padre da cidade viesse retirá-la como doação à caridade. Mas que permanecia na entrada do quarto. Ela se deitou afundando o corpo e a cabeça na água deixando apenas seu nariz para fora e levando seus pensamentos a um campo de margaridas a fim de não pensar em nada por longos minutos daquele banho.

Segunda Parte

Depois de colocar um vestido florido e arrumar a cama, Angélica desceu as escadas esperando encontrar Saulo jogado no sofá de cueca e assistindo à competição de corrida como sempre fazia. Mas o sofá estava arrumado e a televisão desligada, um barulho de panela rangendo veio da cozinha e um cheiro diferente a fez buscar respostar na outra parte da casa. Ela passou a sala e viu que uma fumaça branca saía da porta da cozinha, imaginando que Saulo tinha colocado o peru de qualquer forma no forno, mas para sua surpresa ele estava apenas preparando as torradas para o café da manhã.

— Bom dia novamente querida. — falou ele apontando para o prato com ovos e linguiças e bacon ao redor. — Café inglês para o último dia do ano e o primeiro Réveillon que passamos juntos na nova casa.

— Oh, Saulo como você é fofo, deixe que eu preparo o suco de laranja.

— Ah verdade, me esqueci do suco. — ele falou olhando para as torradas quase queimadas.

Saulo não era um tipo modelo de empresário sarado ou gostosão como o mundo imaginava a maioria deles. Pelo contrário, Saulo passara boa parte de sua vida dirigindo caminhão de carga pesada e tinha uma década que ele mudara de setor passando apenas a cuidar da parte de logística da empresa na qual trabalhava desde seus vinte anos de idade. Ele era alto, e tinha uma barriga admirável de tantas cervejas que tomou durante toda sua vida. Seu rosto tinha